

**AS CARTAS DE ANA OZORES: a escrita como expressão da
subjetividade feminina em *La Regenta***

Isabela Roque Loureiro

Gêneros discursivos como as cartas, no processo de construção da identidade da mulher, apresentam um papel de indiscutível importância, visto que constituem uma das primeiras formas de auto-representação do "eu" feminino. Leonor Arfuch (2010), assim como Bakhtin (1992) em *Questões de literatura e de estética*, também destaca a importância desses gêneros nessa construção narrativa da identidade, comentando que: "(...) por meio deles se tece em boa medida a experiência cotidiana, as múltiplas formas como, dialogicamente, o sujeito se "cria" na conversa" (ARFUCH, 2010, p.80), demonstrando a possibilidade de serem esses gêneros determinantes na objetivação da "vida" como vivência e totalidade.

Para Alain Girard (1996), "entre todos os textos escritos, nenhum pode informar melhor sobre a imagem do eu que os escritos em primeira pessoa" (Ibidem, p.38. Tradução nossa)ⁱ. Foi, portanto, por intermédio de gêneros discursivos como esses que as mulheres registraram acontecimentos próximos ao momento da escrita. Revelaram-nos os seus interesses individuais, familiares e políticos, ao mesmo tempo em que davam testemunho dos costumes e das opiniões, proporcionando uma visão muito pessoal da época e do ambiente em que elas viveram.

No romance *La Regenta* (1884-85), de Leopoldo Alas "Clarín", a voz do narrador clariniano é acompanhada de muitas outras vozes no relato. A heteroglossia faz com que pensemos no clássico de Clarín como um texto indiscutivelmente multiperspectivo, e foi, portanto, dessa pluralidade de vozes e de pontos de vista que pudemos iniciar nossas análises sobre as subjetividades femininas, vistas por nós como produtos da enunciação.



Estatua dedicada a la Regenta em Oviedo

Uma das vozes femininas que mais se destacam no romance clariniano é a de Ana Ozores, personagem central de *La Regenta*. E por ser Ana uma grande leitora e produtora de textos, pareceu-nos interessante considerar as cartas escritas por ela como uma importante via de acesso à subjetividade feminina, uma vez que gêneros como esses nos possibilitam uma maior proximidade à profundidade do “eu” que escreve.

A característica mais significativa da carta, “veículo privilegiado da construção da intimidade e da expressão do homem” (SANTOS, 2008, p.61), é indubitavelmente a natureza da relação com o outro. Em oposição ao diário íntimo, gênero muitas vezes comparado à correspondência por ter em comum certas características como a:

(...) ausência de limites, a fragmentação, o dia-a-dia, o fato de ser concebidos, ao menos em um princípio, sem propósito de publicação. Não são <<obras>> propriamente ditas: nem tem o caráter acabado destas, nem sofrem as vicissitudes próprias da publicação, a difusão, o ingresso no circuito comercial. Inclusive se as correspondências e os diários íntimos se publicam finalmente, continuam estando marcados por essa liberdade, essa ausência de forma inerente a sua origem (DIDIÉ, 1996, p.43. Tradução nossa)ⁱⁱ.

A carta exige sempre a presença de um destinatário, ou seja, necessita estar sempre endereçada a alguém.

Em *La Regenta*, muitas das correspondências escritas por Ana Ozores encontram-se destinadas ao médico Benítez, “el joven de pocas palabras y muchos estudios, observador y taciturno” (ALAS, 1998, p.796), que muito a incentivou a escrever, sobretudo, nas horas de desocupação. Benítez entendia

a escrita como uma importante fonte de distração, daí o incentivo à sua prática. É evidente que nos referimos, aqui, a uma escrita descompromissada e sem pretensões literárias, bem diferente da praticada por Ana no período correspondente à sua juventude, que resultou na produção de diversos poemas— todos considerados abomináveis, segundo as figuras masculinas de *La Regenta*, que viam com muito preconceito e discriminação a atividade literária feminina. Vejamos, através do diálogo, o comentário das personagens sobre o interesse de Ana pela escrita literária:

En una mujer hermosa es imperdonable el vicio de escribir -decía el baroncito, clavando los ojos en Ana y creyendo agradarla.

-¿Y quién se casa con una literata? -decía Vegallana sin mala intención-. A mí no me gustaría que mi mujer tuviese más talento que yo.

La marquesa se encogía de hombros. Creía firmemente que su marido era un idiota. «¡A qué llamarán talento los maridos!» -pensaba satisfecha de lo pasado.

-Yo no quiero que mi mujer se ponga los pantalones -añadía el afeminado baroncito (ALAS, 1998, p.174).

Para Ana, o pedido do médico não representava sacrifício, pelo contrário, era tido como algo comum e rotineiro, pois desde criança a personagem sempre teve muito gosto pela escrita. Por ser a carta um veículo privilegiado da construção da intimidade e da expressão da subjetividade, Ana Ozores, através dela, desnuda-se, deixando escapar inúmeros testemunhos de sua afetividade, e é a partir desta ditosa revelação que nós, leitores, conseguimos adentrar no seu interior e melhor conhecê-la, conscientizando-nos dos seus mais íntimos pensamentos e sentimentos. Obediente a Benítez, Ana lhe escreve a seguinte correspondência:

(...) Buenas noticias. Nada más que buenas noticias. Ya no ha aprensiones: ya no veo hormigas en el aire, ni burbujas, ni nada de eso; hablo de ello sin miedo de que vuelvan las visiones: me siento capaz de leer a Maudsley y a Luys, con todas sus figuras de sesos y demás interioridades, sin asco ni miedo. Hablo de mi temor a la locura con Quintanar como de la manía de un extraño. Estoy segura de mi salud. Gracias, amigo mío; a usted se la debo. Si no me prohibiera usted *filosofar*, aquí le explicaría por qué estoy segura de que debo al plan de vida que me impuso la felicidad inefable de esta salud serena, de este placer refinado de vivir con sangre pura y

corriente en medio de la atmósfera saludable... pero nada de retórica; recuerdo cuánto le disgustan las frases... En fin, estoy como un reloj, que es la expresión que usted prefiere. El régimen respetado con religiosa escrupulosidad. El miedo guarda la viña, seré esclava de la higiene. Todo menos volver a las andadas. Continúo mi diario, en el cual no me permito el lujo de perderme en psicologías ya que usted lo prohíbe también. Todos los días escribo algo, pero poco. Ya ve que en todo le obedezco. Adiós. No retarde su visita. Quintanar le saluda... roncando. Ronca, es un hecho. *En aquel tiempo* la Regenta hubiera mirado esto como una desgracia suya, que le mandaba ex profeso el *destino* para ponerla a prueba. ¡Un marido que ronca! Horror... basta. Veo que tuerce usted el gesto. Perdón. No más cháchara. A Frígilis que venga con usted o antes. Diga lo que quiera mi esposo, si Crespo no viene a prepararme la caña y a convencer a las truchas de que se dejen pescar no haremos nada. Adiós otra vez. La esclava de su régimen, q. b. s. m.,

Anita Ozores de Quintanar (Ibidem, págs.:796-797).

Na carta dedicada ao doutor, vemos nitidamente a subjetividade de Ana sendo posta em evidência a partir de suas próprias palavras, de sua escrita. Contenta com a progressiva melhora, a personagem confessa ao doutor haver recuperado a saúde e principalmente o equilíbrio emocional, perturbado depois da desastrosa aparição de nazarena na procissão de Sexta-feira Santa.

Passada a crise nervosa, Ana escreve a Benítez, confessando-lhe que se encontra recuperada, revigorada, enfim, tão segura que, inclusive, já conseguia falar sobre temas que antigamente muito a afligiam, tal como o medo de enlouquecer. Agora, falava do seu temor à loucura da mesma forma que comentava a mania de um desconhecido, consciência que nos revela o desenvolvimento da personagem, que passa não só a compreender, mas também a lidar com as angustias e com os medos que permeavam seus pensamentos.

Outro aspecto a ser comentado é o tom jocoso da escrita de Ana. Podemos percebê-lo quando ela fala debochadamente dos roncos do marido: "Quintanar le saluda... roncando" e quando ela afirma que seria até capaz de ler os livros do inglês Henry Maudsley e do francês Jules Bernard Luys— ambos especialistas em psiquiatria— sem ter asco e medo: "me siento capaz de leer a Maudsley y a Luys, con todas sus figuras de sesos y demás interioridades, sin asco ni miedo".

Ana recupera a felicidade e a vontade de viver. Além da ajuda médica, outro elemento essencial na recuperação da personagem foi o efetivo contato com a natureza. A saída de Vetusta e a permanência de Ana, na companhia de dom Víctor, na quinta dos Vegallanas, a bela propriedade de campo dos marqueses, permitiu que a personagem rapidamente encontrasse a paz e a harmonia necessárias para uma vida mais equilibrada. Em contato direto com a natureza, tudo aquilo que, outrora, havia sido brutalmente reprimido, a começar pela verdadeira essência romântica da personagem, aflora naturalmente. Pela primeira vez, vemos espontaneidade, autenticidade, o que vem ao encontro do que afirma Miguel Ángel de la Cruz Vives (2000) no artigo "El universo filosófico de *La Regenta*". Vejamos:

Ana descansa no Vivero e volta estar em contato com a natureza, longe de Vetusta, de Fermín e de Álvaro Mesía, se abrandam suas paixões e é feliz. É então quando resurge sua antiga vocação e começa de novo a escrever. Sente-se livre (VIVES, 2000. Tradução nossa)ⁱⁱⁱ.

Por Benítez tê-la ajudado de forma persistente em sua recuperação, notamos que Ana Ozores demonstra-se profundamente agradecida ao jovem médico, a quem proclama um expressivo carinho que pode ser apreciado através da forma de tratamento: "amigo mío" e da fiel promessa de cumprir todas as recomendações solicitadas pelo profissional, tornando-se, assim, uma "esclava de la higiene". Além de anunciar sua vitoriosa recuperação e sua admiração pelo doutor, Ana Ozores comenta-lhe que tem escrito todas as noites em seu diário, e, tal como o solicitado por ele, procura não "filosofar", em outras palavras, não fazer reflexões muito detalhadas e minuciosas sobre sua vida, no intuito de evitar o surgimento de novas e terríveis crises emocionais.

Muitos dos comentários feitos pela personagem na carta enviada ao médico também podem ser vistos na correspondência em que ela escreve para Fermín de Pas, seu confessor. Citamos:

...No se queje de que soy demasiado breve en mis explicaciones. Ya le tengo dicho, amigo mío, que Benítez me prohíbe, y creo que con razón, analizar mucho, estudiar todos los pormenores de mi pensamiento. No ya el hacerlo, sólo el pensar en hacerlo, en desmenuzar mis ideas, me da la aprensión de volver a sentir aquella horrorosa debilidad del cerebro... No hablemos más de esto. Bastante hago si le escribo, pues prohibido me lo tienen. Pero entendámonos. Lo prohibido no es escribir a usted. ¿Hablo ahora claro? Lo prohibido es escribir mucho, sea a quien sea, y sobre todo de asuntos serios.

¿Qué cuándo volvemos a Vetusta? No lo sé. Fermín, no lo sé.

Que yo estoy mucho mejor. Es verdad. Pero quien manda, manda. Benítez es enérgico, habla poco pero bien; ha prometido curarme si se le obedece, abandonarme si se le engaña o se desprecian sus mandatos. Estoy decidida a obedecer. Usted me lo ha dicho siempre: lo primero es que tengamos salud.

¿Qué hay tibieza tal vez? No, Fermín, mil veces no. Yo le convenceré cuando vuelva.

¿Qué rezo poco? Es verdad. Pero tal vez es demasiado para mi salud. ¡Si yo dijera a Quintanar o a Benítez el daño que me hace, sana y todo, repetir oraciones!... Que en mis cartas no hablo más que de don Víctor y del médico. ¿Pero de qué quiere que le hable? Aquí no veo más que a mi marido; y Benítez me acaba de salvar la vida, tal vez la razón... Ya sé que a usted no le gusta que yo hable de mis miedos de volverme loca... pero es verdad, los tuve y le hablo de ellos, para que me ayude a agradecer al médico (de quien tanto hablo) mi salvación intelectual. ¿Para qué me hubiera querido mi hermano mayor del alma, sin el alma, o con el alma obscurecida por la locura?...

¿Qué se acabó esto y se acabó lo otro...? No y no. No se acabó nada. A su tiempo volverá todo. Menos el visitar a doña Petronila. No me pregunte usted por qué, pero estoy resuelta a no volver a casa de esa señora. Y... nada más. No puedo ser más larga. Me está prohibido (¡otra vez!). Acabo de cenar. Su más fiel amiga y penitente agradecida.

Ana Ozores.

P. D. -¿Qué se conoce que tengo buen humor? También es verdad. Me lo da la salud. Si lo tuviera malo y pensara mal, creería que a usted le pesa de mi buen humor, a juzgar por el tono con que lo dice. Perdón por todas las faltas» (ALAS, 1998, págs.: 797-798).

Na carta escrita para Fermín, identificamos a existência de um diálogo epistolar, aclarado, primordialmente, pelas frases interrogativas, tais como: "¿Qué cuándo volvemos a Vetusta?". Esse expressivo diálogo entre remetente e destinatário vem ao encontro do que comenta Ana Maria Pessoa dos Santos (2008, p.73) em *Cartas do Sobrado*, a propósito da troca de cartas, tida por ela como a "expressão da vontade de manter, mesmo à distância, um tipo de

“convívio”, uma “intimidade”, numa dinâmica de reiteração afetiva que se inscreve em determinado tipo de sociabilidade”.

Com termos e estilo diferentes, a personagem explica o porquê de ser tão concisa e breve nas correspondências que escreve ao religioso, justificando, segundo orientações médicas, não poder se estender em assuntos sérios. Na epístola, Ana também comenta a melhora experimentada nas últimas semanas, atribuindo-a ao enérgico doutor, e, como forma de agradecimento, a personagem, muito entusiasta pela nítida recuperação, promete devotamente fazer tudo o que Benítez havia determinado.

Outro ponto interessante a ser comentado na carta em que Ana escreve a De Pas é a forma de tratamento. O uso predominante de verbos e pronomes na terceira pessoa do singular contrasta, no entanto, com um discurso que, muitas vezes, reflete uma certa intimidade por parte da personagem. Ana, em diversas ocasiões, o invoca apenas pelo primeiro nome, “Fermín”, o que explicita essa aproximação apontada por nós. Essa afetividade também pode ser vista na despedida, quando Ana escreve: “su más fiel amiga y penitente agradecida”.

Além dessa particularidade, outro aspecto merecedor de destaque é o leve tom de ironia de Ana Ozores quando, de forma sarcástica, ela responde ao confessor que não havia mais assunto para escrever, em: “¿Pero de qué quiere que le hable? Aquí no veo más que a mi marido; y Benítez me acaba de salvar la vida, tal vez la razón...”, comentário que revela o lado espirituoso da personagem.

Outro aspecto revelador é a assinatura diferenciada das cartas assinadas por Ana. Na primeira correspondência enviada ao médico, Ana a assina como “Anita Ozores Quintanar”, enquanto que na correspondência enviada a Fermín de Pas, sua assinatura muda para “Ana Ozores”, sem fazer, portanto, alusão ao diminutivo— carinhosamente empregado por ela como prova de devota amizade a Benítez— e ao sobrenome “Quintanar”— herdado do matrimônio com dom Víctor. Ainda que vejamos diferenças visíveis na assinatura de Ana que, a nosso ver, traduzem a diferente relação que ela mantinha com cada um deles, com o médico do corpo e com o médico da alma, não podemos deixar de comentar que, tanto na primeira como na segunda carta, há uma nítida intimidade, e esta deve ser atribuída, sobretudo, ao fato de Ana, através delas, pronunciar-se livre e abertamente, sem temer possíveis represálias e censura, tais como as que recebeu quanto suas tias descobriam o seu caderno de versos.

José Manuel González Herrán (2007), em seu artigo “Ana Ozores, La Regenta: escritora y escritura”, afirma que a escrita deve ser compreendida como “meio indireto de expressar, mediante uma adequada retórica, coisas difíceis de dizer em viva voz” (Tradução nossa)^{iv}. Nós, no entanto, a vemos como um meio direto de expressão, em especial daquilo que não se tem coragem de pronunciar pessoalmente. Entendemos a escrita, tal como o discurso oral, como uma das mais expressivas e imediatas vias de acesso ao interior do indivíduo, e é por intermédio dela que nós, leitores, conseguimos ampliar significativamente nossos conhecimentos sobre o outro.

A partir de uma escrita despreziosa e desprovida de aspirações literárias, a personagem clariniana Ana Ozores descreveu sua perspectiva de mulher dentro da sociedade predominantemente patriarcal do século XIX, o que nos proporciona uma visão muito significativa sobre os aspectos singulares de sua natureza complexa, acentuada.

La Regenta é um romance polifônico por excelência. Além da voz do narrador, deparamo-nos também com outras vozes, as das personagens, e um dos grandes engenhos do autor Leopoldo Alas "Clarín" foi justamente utilizar as correspondências, dentro da narrativa de *La Regenta*, para traduzir diretamente a voz, o discurso de Ana Ozores. Sendo assim, nossa intenção foi apresentar as cartas como uma importante fonte de estudo para a análise da subjetividade da personagem clariniana que, por intermédio delas, registrou suas mais pessoais e particulares impressões sobre a vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALAS, Leopoldo (1998): *La Regenta*. 26ª ed. Prólogo de Ricardo Gullón. Madrid: Alianza Editorial.

ARFUCH, Leonor (2010): *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Rio de Janeiro: EDUERJ.

BAKHTIN, Mikhail (1992): *Questões de literatura e de estética*. São Paulo, UNESP.

GIRARD, Alain (1996): El diario como género literario. Em: *Revista de Occidente (El diario íntimo- Fragmentos de diarios españoles 1995-1996)*. Julio-Agosto 1996. Nº. 182-183. p: 31-38.

GONZÁLEZ HERRÁN, José Manuel (2002). Ana Ozores, La Regenta: Escritora y escritura. Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2007. Disponível em: <http://www.cervantesvirtual.com/servlet/SirveObras/08141685479725217427857/index.htm>. Acessado em 05/11/2010.

POZUELO YVANCOS, José María (2005): *De la autobiografía. Teoría y estilo*. Barcelona: Crítica.

RICOEUR, Paul (1994): *Tempo e narrativa*. Trad. Constança César. São Paulo: Papyrus.

SANTOS, Ana Maria Pessoa. *Cartas do sobrado*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2008.

VIVES, Miguel Angel de la Cruz. *El universo filosófico de La Regenta*. 2000. Este texto encontra-se disponível no site: www.ucm.es/info/especulo/numero14/regenta.html. Acesso em dez. 2004.

ⁱ “entre todos los textos escritos, ninguno puede informar mejor sobre la imagen del yo que los escritos en primera persona”.

ⁱⁱ “(...) la ausencia de límites, la fragmentación, el día-a-día, el hecho de ser concebidos, al menos en un principio, sin propósito de publicación. No son <<obras>> propiamente dichas: ni tienen el carácter acabado de éstas, ni sufren las vicisitudes propias de la publicación, la difusión, el ingreso en el circuito comercial. Incluso si las correspondencias y los diarios íntimos se publican finalmente, siguen estando marcados por esa libertad, esa ausencia de forma inherente a su origen”.

ⁱⁱⁱ “Ana descansa en el Vivero y vuelve a estar en contacto con la naturaleza, lejos de Vetusta, del Magistral y de Álvaro Mesía, se atemperan sus pasiones y es feliz. Es entonces cuando resurge su antigua vocación y comienza de nuevo a escribir. Se siente libre”.

^{iv} “medio indirecto de expresar, mediante una adecuada retórica, cosas difíciles de decir en viva voz”.